

## O riso como lugar de expressão e fortalecimento do machismo

Uma leitura folkcomunicação das piadas envolvendo questões de gênero na internet

*Karina Janz Woitowicz<sup>1</sup>*

**Resumo:** Como uma expressão da cultura popular, as piadas configuram um espaço de manifestação de valores sociais que marcam a sociedade em diferentes épocas. No presente texto, pretende-se discutir a predominância do machismo em piadas que circulam pela internet, bem como as possibilidades de resistência a um modelo de submissão feminina, que se manifestam através do riso, da zombaria, do humor cômico ou sarcástico. Nesta perspectiva, busca-se observar a construção de estereótipos em torno da imagem da mulher, a partir de uma abordagem folkcomunicação que compreende as mensagens humorísticas como veículos populares e informais de expressão de idéias que contribuem para a cristalização de determinados valores e hierarquias envolvendo as questões de gênero.

**Palavras-chave:** folkcomunicação; humor; estereótipos de gênero; veículos informais de comunicação.

**Abstract:** Like an expression of the popular culture, the jokes shape a space of demonstration of social values that mark the society in different times. In the present text, the predominance of the male chauvinism intends to talk in jokes that circulate for the Internet, as well as the means of resistance to a model of feminine submission, which are shown through the laughter, of the mockery, the comic or sarcastic mood. In this perspective, it is looked to observe the construction of stereotypes around the image of woman, from an approach folkcomunicação what understands the humorous messages like popular and informal vehicles of expression of ideas that contribute to the crystallization of determined values and hierarchies wrapping the questions of gender.

**Key-words:** Folkcomunicação; comic, stereotypes of gender; informal vehicles of communication.

### Considerações Iniciais

Quantas vezes o leitor ou leitora foi surpreendido(a) com piadas e mensagens humorísticas no seu correio eletrônico? Quantas vezes, numa conversa informal entre amigos, de diferentes faixas etárias, surgiram ‘gracinhas’ envolvendo estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, geração, orientação sexual, entre outros marcadores de diferença? Quantas vezes o riso serviu para expressar uma idéia ou um valor acerca de comportamentos humanos, personagens ou grupos sociais?

---

<sup>1</sup> Professora de Jornalismo da UEPG, doutoranda do PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC (karinajw@hotmail.com).

Estas situações cotidianas ilustram a presença de determinados padrões e valores culturais no imaginário social, que se revelam por meio de veículos populares de expressão. São anedotas, histórias e imagens, inscritas na oralidade ou por meio de algum suporte de comunicação, que evocam conceitos pré-determinados sobre diversos aspectos da vida humana, através do riso, da zombaria, da ironia.

Assim, com base em uma leitura folkcomunicação que busca identificar nas piadas alguns elementos da cultura popular, o presente texto procura levantar traços de um pensamento hegemônico baseado na submissão feminina para observar as questões de gênero que orientam o humor presente nas anedotas. Trata-se, portanto, de analisar os processos de construção e consolidação de estereótipos de gênero, que têm nas expressões do machismo a sua fonte principal, por meio da observação de algumas piadas que ilustram os diferentes papéis sociais/sexuais assumidos por homens e mulheres e os valores em torno de seus respectivos comportamentos<sup>2</sup>.

Neste percurso, serão discutidos alguns aspectos sobre a construção histórica e cultural dos estereótipos de gênero, baseados na submissão e na inferioridade femininas, de modo a situar as piadas como meios informais de comunicação, através das suas características e da sua capacidade de expressão de idéias, conforme perspectiva teórica desenvolvida por Luiz Beltrão. Na seqüência, será esboçada uma contextualização sobre a potencialidade da internet na circulação de mensagens, constituindo uma rede em que se filiam interesses difusos e em que se abre espaço para as mais diversas formas de expressão. A partir desta abordagem, serão trazidas algumas piadas sobre as mulheres que circularam na internet, primeiramente em uma perspectiva de fortalecimento do machismo e, depois, como possibilidade (restrita, mas nem por isso menos significativa) de inversão dos estereótipos de gênero, em que o riso funciona como lugar de expressão da cultura popular.

### **A construção e a atualização de estereótipos de gênero através do humor**

Sabe-se que, conforme destaca Michelle Perrot, o silenciamento a respeito das mulheres nas "versões" historiográficas dos grandes fatos e sociedades que marcaram a história da humanidade reflete também a desvalorização e submissão da mulher em diferentes períodos históricos, em que elas foram consideradas seres inferiores intelectualmente e impuros, além de,

---

<sup>2</sup> Agradeço às pessoas que colaboraram na elaboração deste texto, mesmo sem saber, enviando piadas sobre relações de gênero por e-mail.

por sua condição maternal, mais próximas da natureza do que da cultura. A oposição entre homens, produtores de cultura, e mulheres, definidas por suas funções sexuais e biológicas, foi, por muito tempo, pensada como justificativa para as diferenças e desigualdades e serviu como ponto de partida inclusive para o conhecimento científico.

Michel Foucault, em *História da sexualidade*, aborda as bases para a legitimação de valores hegemônicos e reconhece diferentes ‘papéis’ ligados ao sexo, à moral e à religião para homens e mulheres, percebendo assim que a submissão da mulher e a negação da homossexualidade são condições legitimadas historicamente e cristalizadas nos hábitos culturais de diferentes épocas.

As regras em torno de uma ideologia patriarcal definem-se, neste sentido, como um sistema de dominação sexual que não permite à mulher o desenvolvimento de determinadas funções sociais<sup>3</sup>. De acordo com Michelle Perrot, “o militar, o religioso, o político, como as três ordens da Idade Média, constituem três santuários que fogem às mulheres. Núcleos de poder, são os centros de decisão, real ou ilusória, ao mesmo tempo que símbolos da diferença dos sexos” (2002:107). É desse modo que a repressão às mulheres foi forjando, ao longo do tempo, argumentos para a oposição entre os sexos.

Este pensamento, que está na base de toda a cultura cristã, atribuiu um espaço inferiorizado às mulheres, deixando profundas heranças para a sociedade contemporânea.<sup>4</sup> A crítica a esta epistemologia dominante – que associa o homem à cultura e a mulher à natureza, universalizando as variações culturais com base no determinismo biológico – expõe a lógica de um pensamento que procura justificar a inferioridade feminina. No texto *Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?*, Sherry Ortner questiona por que as mulheres são consideradas mais próximas da natureza e observa que o corpo feminino costuma ser usado para justificar certos papéis sociais e comportamentos, como a maternidade e o cuidado com os filhos e uma estrutura psíquica diferente, baseada na emotividade e na irracionalidade.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Com as regras impostas à mulher, baseadas no pensamento cristão, surgem os tabus principalmente em torno da sexualidade, reservando à mulher a finalidade de procriação. De outro lado, vale reconhecer que com os tabus também surge o erotismo em torno da nudez feminina: a mulher é colocada ou como santa, ou como prostituta.

<sup>4</sup> A religião assumiu a desigualdade entre os sexos nas diferentes vertentes. Deus não tem sexo, mas é pensado como gênero masculino. E, no Gênesis, cria o homem primeiro, a mulher depois, e para ele. Tal mentalidade secular ainda hoje incide sobre a condição de submissão da mulher.

<sup>5</sup> Vale lembrar que Simone de Beauvoir, embora inserida nos debates feministas, também utiliza argumentos fisiológicos para caracterizar a mulher como “vítima das espécies”.

Diante destes valores que, historicamente, construíram as relações de gênero, pode-se dizer que as diferenças passaram a ser entendidas como desigualdades. E, se pensarmos a diferença como construção, entendemos que ela não é naturalmente justificada, conforme observa Michelle Rosaldo:

Gênero, em todos os grupos humanos, deve então ser entendido em termos políticos e sociais com referência não a limitações biológicas, mas sim às formas locais e específicas de relações sociais e particularmente de desigualdade social. Da mesma forma que não temos motivo para procurar fatos fisiológicos quando tentamos entender as mais familiares desigualdades na vida social humana – tais como liderança, preconceitos raciais, prestígio e classes sociais – e, assim parece que seria interessante pensar o sexo biológico tal como raça biológica, como uma desculpa ao invés de uma causa para todo o sexismo que observamos. (1995, p. 22)

Porém, mesmo que determinadas concepções sobre a diferença entre homens e mulheres tenham sido superadas, e que as mulheres tenham conquistado crescente espaço nos mais diversos campos da sociedade, é comum encontrar resquícios que preservam certos valores em torno da submissão feminina e dos papéis sociais. Alguns destes valores se atualizaram e passaram a ser revestidos de outros significados, como é o caso da incorporação da imagem da mulher como objeto sexual.

Temos, assim, a construção e a atualização constantes de determinados estereótipos de gênero, em que as mulheres assumem características relacionadas à limitação intelectual, à sedução e à traição, à presença naturalizada no espaço doméstico através do cuidado com a casa e com a família, entre outras.

Interessa, portanto, perceber a presença destas imagens das mulheres em um repertório próprio da cultura popular, que através do humor preenche de significado as questões de gênero. Não se pretende, com isso, denunciar o machismo presente nas piadas sobre mulheres, mas observar o modo como o pensamento secular em torno da inferioridade e da submissão femininas se incorpora e se atualiza nas manifestações populares, podendo reforçar o machismo ou ainda ironizar a inversão de uma perspectiva hegemônica de gênero.

As piadas assumem, neste contexto, o papel de disseminar idéias e opiniões acerca das questões de gênero, produzindo estereótipos que circulam em diversos espaços e através de formas variadas. O conceito de estereótipo apresentado por Tomaz Tadeu da Silva (2000) contribui para compreender como o humor é capaz de participar do processo de formação da opinião, construindo representações. Para ele, estereótipo é:

Opinião extremamente simplificada, fixa e enviesada sobre as atitudes, comportamentos e características de um grupo cultural ou social que não aquele ao qual se pertence. O etnocentrismo, o racismo, o sexismo, o homofobia, baseiam-se, todos, em grande parte, na produção e reprodução de estereótipos sobre os respectivos grupos sociais atingidos por essas atitudes tendenciosas. (...) Os Estudos Culturais têm preferido utilizar, na análise do etnocentrismo, do racismo, do sexismo e da homofobia, o conceito de “representação”, por permitir ressaltar as relações de poder envolvidas nesse processo, bem como o papel central da linguagem na produção de visões específicas sobre a alteridade. (2000, p. 54)

A disseminação de opiniões preconceituosas e estereotipadas em torno das mulheres se manifesta de variadas formas: na cultura de massa (em novelas, músicas, programas, coberturas jornalísticas, modas, consumo de produtos de beleza, utilidades domésticas, entre diversas outras); e na cultura popular (na literatura popular, cantadores e trovadores, almanaques, cultos religiosos, oralidade, danças, músicas, vestimentas, feiras, provérbios, frases de pára-choque de caminhão, anedotas, entre muitas outras), em que é possível constatar valores conservadores e reacionários envolvendo imagens femininas. Enfim, pode-se dizer que a cultura de massa e a cultura popular se abastecem constantemente deste repertório de gênero na transmissão de suas mensagens, seja como reforço ou como subversão a uma perspectiva hegemônica.

Interessa, no presente texto, entender o modo como as piadas projetam estes valores e circulam no imaginário social em função de sua capacidade de dizer algo através do humor. Esta discussão remete ao estudo de Mikhail Bakhtin (2002) a respeito de François Rabelais, analisando o riso na Europa da Alta Idade Média. O autor reconstitui o universo da cultura cômica popular ao observar elementos como a hierarquia e o poder, que recebem um tratamento crítico através do riso e da zombaria.

Bakhtin aponta que as pessoas se travestiam e apresentavam as solenidades religiosas e oficiais de forma ridicularizada: “o “baixo” material e corporal, assim como todo o sistema das degradações, inversões e travestis, adquiria uma relação sensível com o tempo e com as mudanças sociais e históricas” (2002, p. 70). E foi através das manifestações da cultura popular que o riso passou a ser compreendido de diferentes modos ao longo do tempo: como ‘divertimento ligeiro’, como atividade criadora e como arma de crítica.

O mesmo autor lembra que o aspecto popular impulsionado pelo riso “revestia-se de formas próprias, possuía seus temas, suas imagens, seu ritual particulares” (2002, p. 71). Esta presença do riso na cultura popular demonstra que, em diferentes contextos, o humor é capaz de

se revelar como veículo de expressão de modos de pensar e viver, que se manifesta de modo singular.

John Downing (2002), ao falar sobre a expressão pública das mulheres marroquinas, menciona as diversas faces do humor e as suas lógicas de adesão. Para o autor,

São os vários tipos de humor verbal que se apresentam em situações do dia-a-dia e não particularmente do modo como são expressos por comediantes profissionais. O humor é multifacetado, por isso é importante não deduzi-lo como algo sempre benéfico ou sempre subversivo. Contudo, em muitas situações, os comentários humorísticos ou as anedotas verídicas contra os padrões, os burocratas, o clero, as autoridades corruptas ou hipócritas, os invasores coloniais, os que se dizem racialmente superiores servem para espicaçar as pretensões dos que estão no poder e reduzir a legitimidade de sua autoridade. Quanto mais se difundem esses comentários e essas anedotas pelas redes de conversação, mais adesão obtêm. (2002, p. 155)

É esta capacidade de comunicar através do humor que se pretende aqui observar, através do uso da internet para disseminar piadas envolvendo questões de gênero.

### **O ciberespaço como lugar de intercâmbio e circulação de idéias**

Devido às suas características e potencialidades de uso, as novas tecnologias da comunicação ajudam a consolidar a chamada cultura virtual; um espaço em que os indivíduos podem ser criadores, selecionadores e programadores culturais. A criatividade, a hibridação e a interatividade das manifestações sociais conectam as “comunidades virtuais”, abrindo-se a um espaço de variados usos e interpretações.

Na internet, recursos como o hipertexto, que permite um espaço ilimitado de produção textual em que o leitor conduz o percurso de acordo com o seu interesse; a atualização em ‘tempo real’; as mudanças nos processos de produção, circulação e consumo, que assumem uma maior liberdade por não se tratarem mais de instâncias estanques, uma vez que o leitor pode também ser autor de textos, invertendo os papéis já determinados que marcam os demais meios; a interatividade, principal promessa de participação e base para a instauração de um novo ‘espaço público’ na rede; e os elementos multimídia, que permitem uma completude relativa ao meio, marcada pela soma de recursos e estratégias como texto, som, imagem, animação, pesquisa, entre outros aspectos, vivem uma fase de consolidação que projeta novas possibilidades de intercâmbio de informações, que atendem objetivos variados de seus usuários.

É importante destacar que, na comunicação através da internet, as possibilidades deixam de estar polarizadas entre produtores de um lado e consumidores de outro. Abre-se a

possibilidade de inserir novos conteúdos, descobrir novos formatos e linguagens e propor a participação coletiva; desse modo, a internet faz ressurgir a noção de comunidade, propondo formas alternativas de socialização. Nas palavras de John Downing,

São muitos e variados os métodos de intercâmbio de informação que se tornam possíveis no ciberespaço da Internet, permitindo uma grande diversidade de funções, estratégias e estilos de comunicação. (...) É a primeira vez que se tem um veículo acessível a um vasto número de indivíduos e coletivos do mundo inteiro, que permite a transmissão global de praticamente qualquer informação. (2002, 271)

O espaço virtual mostra-se, assim, como um lugar em que diferentes informações e opiniões são disseminadas, potencializando o processo de interação. No texto *Folkcomunicação e Orkut: os culturalmente marginalizados*, Fábio Corniani e Marco Antonio Bonito compreendem a internet como um espaço de expressão dos marginalizados, demarcando uma das potencialidades da cibercultura.

A cibercultura é um termo utilizado na definição dos agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual, ou ciberespaço. Essas comunidades estão ampliando e popularizando a utilização da Internet e das novas tecnologias de comunicação, possibilitando assim maior interatividade entre as pessoas de todo o mundo. Este termo se relaciona diretamente com a dinâmica política, antro-po-social, econômica e filosófica dos indivíduos conectados em rede, bem como a tentativa de englobar os desdobramentos que este comportamento requisita. (2006, p. 225)

Pode-se dizer que, apesar das tentativas de controle envolvendo os meios tecnológicos, a rede constitui um espaço plural, de expressão das diferenças. Trata-se de um duplo processo de legitimação do modelo de padronização imposto pelo mundo capitalista e de reposta à fragmentação, ao individualismo, à naturalização da exclusão social. Conforme destaca Raquel Paiva, a comunidade se estrutura fundamentada sobre as relações interpessoais; no caso da internet, são os laços de reciprocidade que confirmam o conceito de comunidade virtual.

Cabe ainda destacar que a internet pode contribuir para a democratização do acesso ao processo de comunicação. A possibilidade das pessoas, organizações comunitárias, movimentos sociais, ONGs, etc, tornarem-se emissores de conteúdos, de maneira ilimitada e sem controle externo (como é na mídia tradicional), a partir dos interesses e das necessidades pessoais, comunitárias e de interesse público, é a grande novidade que a internet traz. Porém, ao mesmo tempo, se pensarmos a rede como alternativa ao tradicional controle informativo, também é

preciso considerar a disseminação de conteúdos preconceituosos, pedófilos, racistas, sexistas ou homofóbicos, em grande escala. Em outros termos, falar sobre comunidades virtuais e laços de reciprocidade na internet implica em observar as diversas e contrastantes motivações dos indivíduos, que participam e interagem no ciberespaço por meio de afinidades e interesses comuns (não necessariamente de interesse coletivo).

Interessa, neste contexto, considerar que as mensagens que circulam através de listas de e-mails, sites, portais, blogs, chats, entre outros recursos disponíveis na internet, se inserem em um espaço em que os processos de produção, circulação e consumo de informações, serviços e entretenimento acontecem de forma plural e potencializada. Assim, as piadas se manifestam como um discurso público que se constitui em um coro de vozes que, em meio a uma infinidade de conteúdos, produzem hierarquias e estereótipos de diferentes grupos sociais, cotidianamente.

### **Piadas sobre mulheres: valores e estereótipos**

Entre as diversas piadas que circulam na internet, pode-se dizer que a grande maioria recupera determinados valores em torno das mulheres que envolvem os seguintes aspectos: submissão, traição, limitação intelectual, futilidade, responsabilidades domésticas, entre outros. Neste percurso, traremos algumas piadas que ilustram a construção de estereótipos de gênero baseados em papéis sexuais, de modo a identificar a predominância de elementos machistas no imaginário popular e alguns traços de negação ou resistência a estes valores hegemônicos.

Vale considerar que as mensagens de humor se expressam de formas variadas e criativas. São histórias, diálogos, perguntas e respostas, imagens, paródias, provérbios e frases de sabedoria popular, preenchidas de diferentes significados. Estas últimas podem ser encontradas em meio a outras mensagens, para reforçar o sentido de uma piada. É o caso dos seguintes exemplos, que invertem conhecidos dizeres populares: “hoje em dia, homem dando sopa é apenas um homem distribuindo alimento aos pobres”; “pior do que nunca achar o homem certo é viver pra sempre com o homem errado”; “mais vale um cara feio com você do que dois lindos se beijando”; “se todo homem é igual, porque a gente escolhe tanto?”; “homem que não dá assistência abre a concorrência e perde a preferência”; ou ainda “príncipe encantado que nada... Bom mesmo é lobo-mau: que te ouve melhor... que te vê melhor... e ainda te come!”.

É oportuno lembrar que o anonimato das anedotas parece facilitar a sua circulação. Porém, ao mesmo tempo, as mensagens costumam ser acompanhadas de algum comentário,

caracterizando a angulação da leitura promovida pelos atores e configurando um espaço de interação. Frases como “ninguém pode com a mulherada”, “essa é muito boa! Todo homem tem que ler”, “as loiras conseguem ser cada vez mais burras”, “chegou a vez de dizer quem é que manda”, entre outras que são enviadas com as mensagens, também contribuem para o reforço às tendências machistas observadas nas piadas em questão.

No que diz respeito à máxima “é impossível compreender as mulheres”, as mensagens abaixo ilustram como o humor projeta os ‘defeitos’ femininos. Primeiramente, com a idéia de que nem um gênio é capaz de conseguir uma mulher ‘perfeita’ aos parâmetros masculinos.

Um judeu caminhava pelo deserto, quando encontrou uma linda garrafa.

Ao abrir a tampa, surpresa!!! Apareceu um gênio:

- Olá! Sou o gênio de um só desejo, às suas ordens.

- Um só desejo. Então, eu quero a paz no Oriente Médio. Veja esse mapa. Que esses países vivam em paz!

O gênio olhou bem para o mapa e disse:

- Cai na real amigo. Esses países guerreiam há mais de 5 mil anos. E para falar a verdade, sou bom, mas não o suficiente para isso. Peça outra coisa.

- Bom... eu nunca encontrei a mulher ideal.

Você sabe, gostaria de uma mulher que tenha senso de humor, goste de sexo, cozinhar, limpar a casa, não seja ciumenta, fiel, que goste de futebol, que aprecie uma cervejinha, seja gostosa, bonita, jovem, carinhosa, não seja vidrada em cartões de crédito e que não reclame quando eu sair com os meus amigos.

O gênio suspirou fundo e disse:

- Deixa eu ver a "porra" desse mapa de novo.

Em sentido semelhante, o texto abaixo (que circula em listas na internet e pode ser encontrado em blogs) anuncia as “regras dos homens” para as mulheres, ironizando comportamentos considerados típicos das mulheres<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> No mesmo formato, as “13 coisas que um homem sempre quis ouvir” incorporam valores do universo masculino relacionados à sexualidade, bebida, relação com os amigos, entre outros aspectos:

01) Nossa! Você está tão estressado! Deixa eu fazer um sexo oral pra relaxar.

02) Tem comida demais em casa. Vamos levar só cerveja.

03) Eu acho que você deveria passar a noite com seus amigos... você merece isso.

04) Eu sei que é apertado aí atrás, mas você tem que tentar de novo...Tenta!!!

05) Pode deixar que eu troco o óleo e calibro os pneus.

06) Vem ver querido... a filha do vizinho está só de calcinha novamente.

07) Não esquentar, deixa que na hora eu engulo.

08) Por que você não esquece essa história de "Dia dos Namorados" e compra alguma coisa pra você?

09) Vamos assinar a Playboy?

10) Que tal fazermos algo, eu, você e aquela minha amiga deliciosa?(Impossível!!!!!!!)

11) O pessoal do escritório te ligou do puteiro. É para você ir para lá em 10 minutos.

12) Hmm... esse seu bafô de cachaça tá me deixando com um tesão!!!

13) Dinheiro? Prá quê? Eu só quero teu amor... (essa é forte)

1. Mamas e bundas existem para serem olhadas; não tentem mudar isso
2. Aprendam a manejar o tampo da sanita, se ele está levantado, baixem-no. Vocês precisam dele em baixo, e nós precisamos dele em cima. E nem por isso não nos ouvem reclamar por ele estar para baixo.
3. Dia de futebol é sagrado, é como a lua cheia ou a mudança das marés, não se pode mudar isto.
4. Fazer compras não é um desporto
5. Choro é chantagem
6. Se querem alguma coisa, peçam. Não vale a pena dar dicas subtis ou até demasiado óbvias. Apenas peçam o que querem.
7. “Sim” e “não” são respostas perfeitamente aceitáveis para a maioria das perguntas. Porque é que temos de dissertar como vocês, se podemos dizer tudo só com estas duas palavras.
8. Dor de cabeça que já dura mais de 2 meses, é um problema. Consultem o vosso médico.
9. Nós homens somos deficientes no que toca a argumentar numa discussão. Isto porque temos a necessidade de que o que estamos a dizer faça sentido.
10. Se vocês acham que estão gordas, é porque realmente estão. Não nos perguntem isso.
11. Sempre que possível digam o que nos têm a dizer durante o intervalo dos jogos.
12. Vasco da Gama não precisou de orientações, por isso nós também não. Não façam mais isso.
13. Se alguma parte do nosso corpo sente comichão, será coçado. Nós funcionamos assim.
14. Se perguntarmos se está tudo bem, ou se está alguma coisa errada, e vocês disserem que não têm “nada”, nós acreditamos e não perguntamos mais nenhuma vez. Não há necessidade de discutir por isso.
15. Se fazem a pergunta e não querem ouvir a resposta, então estejam preparadas para ouvir o que não querem.
16. Não nos perguntem o que estamos a pensar, a não ser que queiram discutir, sexo, futebol ou carros.
17. Vocês têm roupas suficientes.
18. Vocês têm sapatos a mais.

Outra expressão do machismo encontra-se em uma mensagem de humor em que aparece uma capa de revista, semelhante às tradicionais publicações voltadas ao público feminino, que ao “brincar” com as mensagens das chamadas demarca a submissão da mulher em relação à sexualidade e o seu lugar no espaço doméstico, como esposa e objeto sexual. Trata-se da “Amélia – a revista da mulher de verdade”, que traz na capa a foto de uma mulher de óculos, com avental, segurando uma vassoura, em uma posição que lembra a canção popular: “Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia é que era mulher de verdade”, ou seja, uma posição de submissão. Ao usar como estratégia para provocar o riso os elementos presentes na cultura de massa (como o nome de uma mulher, as colunas “horóscopo”, “eu, leitora”, “dicas de beleza”, entre outras que fazem parte do formato de revistas femininas), a Amélia remete aos estereótipos de gênero que se manifestam na vida social.

**Horóscopo:** os astros avisam: deixe seu namorado gandaiar em paz

**Eu, leitora:** meu marido arrumou uma amante e salvou meu casamento

**Faça você mesma:** não incomode seu homem

Aprenda a consertar chuveiro, trocar pneu, matar barata

**Beleza:** esperma faz bem para a pele

**Sexo:** Sexo anal é uma delícia! Deixe de regular e dê o que ele tanto gosta

**Use a cabeça:** 15 maneiras criativas para fazer sexo oral nele

**E mais:** dicas para manter a cerveja gelada e ele não reclamar

Além da idéia de incompreensão das mulheres e de visões reacionárias a respeito da divisão de papéis sociais (em que ao universo feminino cabe o espaço privado), outra referência recorrente nas piadas envolvendo relações de gênero diz respeito ao tema da traição. Sobre este aspecto, aparecem mensagens em que a mulher, oportunista ou habilidosa, aparece numa posição de poder em relação ao homem (tratado como “corno”) e outras em que o homem aposta na ingenuidade feminina para manter suas relações extraconjugais, apresentando uma perspectiva hegemônica em torno da “dominação masculina”.

Estas variações podem ser observadas nas anedotas que seguem:

**Corno sensato:**

No meio de um julgamento, pergunta o Juiz:

- O senhor chegou em casa mais cedo e encontrou a sua mulher na cama com outro homem, correto?

- Correto, meritíssimo! - diz o réu de cabeça baixa.

Continua o juiz:

- Então o senhor pegou sua arma e deu um tiro na sua mulher, matando-a na hora, correto?

- Correto, meritíssimo! - repete o réu.

- E por que o senhor atirou nela e não no amante dela?

O réu responde:

- Senhor Juiz.... Me pareceu mais sensato matar uma mulher uma única vez, do que um homem diferente todos os dias.

Foi absolvido na hora!

Corno, porém sensato!!!

**O último cheque:**

A filha faz 18 anos e o pai está todo feliz por emitir o último cheque da pensão que é paga à ex-mulher, há 17 anos e 11 meses. Pede para a filha levar o cheque e que ela retorne rapidinho para contar-lhe como ficou a cara da babaca da mãe dela, ao dizer-lhe que este é o último cheque que ela verá da parte dele. A filha entrega o cheque à mãe, ouve o que ela diz e volta à casa do pai para dar-lhe a resposta.

- Diga filha, diga filha, qual foi a reação da babaca da sua mãe?

- Ela mandou lhe dizer que você não é o meu pai!!!

**Corno inocente**

- Amor... Amo-or!
- Hummmm ???!!!
- Acorda !!
- Hummm?!
- Acoorda!!!!

Desorientado e assustado, o sujeito se levanta e pergunta:

- O que aconteceu?!
- Estou com desejo...
- Desejo???
- É... De comer carne de urubu...
- Urubu??? Mas onde vou achar um bicho desses, agora???
- Vai no lixão...
- Tá louca!!! Eu não vou a lixão algum!!! Se quiser, pinte um frango de preto, mate e coma!!!

Putá da vida, ela fala:

- Nunca se arrependa se nosso filho nascer com carinha de urubu.
- Nove meses se passam... Chega o dia do parto e, quando o cara vai ver seu filho querido, vê que seu herdeiro é pretinho, pretinho.
- O retardado, cheio de remorso, corre para a casa de sua mãe e diz:
- Mamãe, eu não quis dar carne de urubu para a minha esposa quando ela estava grávida e sentiu desejo.

Agora meu filho nasceu preto como o bicho!!!

A mãe, bem humorada, consola o filho que está em prantos:

- Esquenta não, filho...

Quando eu estava grávida de você, tive desejo de comer carne de touro, não consegui...

E você nasceu chifrudo, e nem percebeu!!!

**Desculpa esfarrapada:**

Um homem estava sentado quieto lendo seu jornal quando a mulher, furiosa, vem da cozinha e senta-lhe a frigideira nas idéias. Espantado, ele levanta e pergunta:

- Por que isso agora?
- Isso é pelo papelzinho que eu encontrei na sua calça com o nome Marylou e um número.
- Querida... lembra do dia em que fui na corrida de cavalos? Pois é, Marylou foi o cavalo em que eu apostei, e o número é o quanto estavam pagando pela aposta.

Satisfeita, a mulher saiu pedindo 1001 desculpas...

Dias depois, lá estava ele novamente sentado quando leva uma nova porrada, dessa vez com a panela de pressão. Ainda mais espantado (e zozzo), ele pergunta:

- O que foi dessa vez?
- Seu cavalo ligou...

Em todas estas anedotas, o riso permite brincar com situações em que a traição aciona determinados valores e subverte outros, incorporando-se às relações de gênero. Levando-se em conta que a idéia de traição está presente na cultura popular de diferentes maneiras, as piadas podem ser entendidas como meios de expressão que tematizam o cotidiano, ironizam personagens e, assim, produzem imagens estereotipadas de homens e mulheres.

Neste sentido, outra imagem que, direta ou indiretamente, está presente nas piadas, refere-se à inferioridade intelectual das mulheres. Além da falta de habilidade para dirigir, da incapacidade para realizar determinadas tarefas, da fragilidade e do espírito consumista que costumam caracterizar o universo feminino, o estereótipo de “burra” acompanha diversas manifestações de humor. As piadinhas abaixo, em um jogo de perguntas e respostas, ilustram esta questão, referindo-se às mulheres loiras, que são tratadas como duplamente limitadas: por serem mulheres e por serem loiras.

Oi gata... Qual é seu telefone?

(LOIRA) - Nokia E o seu?

Uau! Isso aqui é uma calçada ou uma passarela de moda?

(LOIRA) - Hum, agora você me pegou. É que eu não sou daqui não sei te informar.

Eu não tiro o olho de você!

(LOIRA) - Ainda bem, né? Senão eu fico cega!

Nossa! Eu não sabia que boneca andava!

(LOIRA) - Sério? Nossa, você tá por fora, hein? Já tem até Barbie que anda de bicicleta!

Que curvas, hein!

(LOIRA) - Nem me fala. Eu bati o carro 7 vezes pra chegar nessa festa!

Esse seu vestido vai ficar lindo jogado no chão do meu quarto!

(LOIRA) - Quer comprar um igual pra fazer um tapete? Eu te indico a loja.

Meu coração disparou quando eu te vi!

(LOIRA) - Socorro! Alguém ajude! O moço está tendo um ataque cardíaco!

Eu quero o seu amor, gata! (essa é a melhor!)

(LOIRA) - Espera só um pouquinho... Amô-or! Tem um moço aqui querendo você!

Quer beber alguma coisa?

(LOIRA) - Ai, que bom que você apareceu, garçom!

Me dá seu telefone, vai!

(LOIRA) - Socorro! Um assalto!

Porém, embora a maioria das piadas projete conteúdos machistas, também é preciso considerar o caráter de contestação das hierarquias de gênero através do humor. Tratam-se de expressões populares que transmitem determinadas idéias que contrastam, denunciam ou questionam as imagens e papéis estereotipados das mulheres. Conforme observa John Downing, ao discutir as anedotas como formas de mídia radical,

As discussões irônicas entre as mulheres a respeito dos homens constituem um exemplo universal da comunicação verbal subversiva. Nas culturas da África do Norte, em que existe uma rígida segregação sexual, tanto os telhados planos das cidades, onde se penduram as roupas lavadas, como os banheiros femininos são locais onde só mulheres se reúnem e, portanto, onde é possível uma conversa mais aberta – uma espécie de esfera pública alternativa. (2002, p. 156)

Entre as piadas que circulam na internet, selecionadas para este trabalho, foi possível encontrar alguns exemplos em que as mulheres aparecem em uma posição de autonomia, ironizando comportamentos e atitudes masculinos, conforme se observa nas anedotas que seguem:

**História de um amigo...**

Ontem, minha esposa e eu estávamos sentados na sala, falando das muitas coisas da vida. Estávamos falando de viver ou morrer. Eu lhe disse:

- Nunca me deixe viver em estado vegetativo, dependendo de uma máquina e líquidos. Se você me vir nesse estado, desliga tudo o que me mantém vivo, por favor!!!

Ela se levantou, desligou a televisão e jogou minha cerveja fora. Não é uma filha da p.?

**Cantadas dos homens e respostas femininas:**

Cantada: Se beleza desse cadeia, você pegaria prisão perpétua

Resposta: Se feiura fosse crime, você pegaria pena de morte.

Cantada: Gata, você é linda demais, só tem um problema: a sua boca tá muito longe da minha!

Resposta: Questão de higiene

Cantada: Qual o caminho mais rápido pra chegar no seu coração?

Resposta: Cirurgia plástica, lavagem cerebral e uns 3 meses de malhação.

Cantada: Você é a mais bela das belas das flores, uma rosa. Quer florescer no meu jardim ?

Resposta: Eu vou morrer de sede com o tamanho do seu regador

Cantada: Eu não acreditava em amor a primeira vista. Mas quando te vi mudei de idéia.

Resposta: Que coincidência! Eu também não acreditava em assombração.

Cantada: Você tem uma boca! Deve ter um gostinho... Posso provar?

Resposta: Pode... (cospe no chão e vira as costas)

Cantada: Se tivesse uma mãe como você mamaria até os 30 anos.

Resposta: Se eu tivesse um filho como você mandava pro circo!

Cantada: Este lugar está vago?

Resposta: Está, e este aqui onde estou também vai ficar se você se sentar aí.

Cantada: Será que eu já não te vi em algum lugar?

Resposta: Claro! Eu sou a recepcionista da clínica de doenças venéreas... não se lembra?

Cantada: A gente já não se encontrou em algum lugar antes?

Resposta: Já e é exatamente por isso que eu não vou mais lá.

Cantada: A gente vai para a sua casa ou para a minha?

Resposta: Os dois. Você vai para a sua casa e eu vou para a minha.

Cantada: Eu queria te ligar, qual é o seu telefone?

Resposta: Está na lista.

Réplica: Mas eu não sei o seu nome.

Tréplica: Também está na lista, na frente do telefone.

Cantada: Ora, vamos parar com isso, nós dois estamos aqui nesta boate pelo mesmo motivo.

Resposta: É, pra pegar mulher...

Cantada: Eu quero me dar por completo pra você.

Resposta: Sinto muito, eu não aceito esmola.

Cantada: Se eu pudesse te ver nua, eu morreria feliz.

Resposta: Se eu pudesse te ver nu, eu morreria de rir.

Cantada: Está procurando boa companhia?

Resposta: Estou, mas com você por perto vai ficar muito mais difícil encontrar.

As mensagens de humor apresentadas ao longo deste texto representam formas de tematizar diferentes posições em meio às relações de gênero, construindo e, por vezes, desconstruindo estereótipos e valores culturais. Tratam-se de meios informais de comunicação que, ao provocarem o riso, desvendam marcas da cultura popular em torno da diferença entre os sexos.

Por fim, sendo o humor um espaço privilegiado de construção de estereótipos, buscou-se levantar elementos para observar o modo como se operam sistemas e estruturas de poder através do riso, traçando imagens enviesadas e distorcidas de homens e mulheres que cotidianamente preenchem de sentido as falas populares.

### Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CORNIANI, Fábio Rodrigues; BONITO, Marco Antonio. “Folkcomunicação e Orkut: os culturalmente marginalizados”. In: SCHMIDT, Cristina (org.). *Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos*. São Paulo: Ductor, 2006.

DOWNING, John. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

ORTNER, Sherry. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PAIVA, Raquel. “O virtual comunitário”. *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo: Moderna, nº 7, 2002.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.

ROSALDO, Michelle. “O uso e o abuso da antropologia: Reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural”. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 1, n. 1, 1995. p 11-36.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação – Um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.